

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Herbert Victor Levy — Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy — Vice-Presidente

Paulo Roberto Ferreira Levy
Henrique Alves de Araújo
Roberto de Souza Ayres
Delacir Mazzini
Benjamin Constant Correa Junior

GAZETA MERCANTIL

Segunda-feira, 2 de janeiro de 1995

DIRETORIA
Diretor-Presidente
Luiz Fernando Ferreira Levy
Diretores Executivos
Dirceu Brisola
Henrique Alves de Araújo
José Ruy Alvarez Filho
Luiz Augusto de Castro

Página 4

Já se tornou quase lugar-comum afirmar-se que Fernando Henrique Cardoso, que assume na alvorada do último lustro deste século a Presidência do Brasil, é um intelectual afeito, como poucos, à prática política. Se isso é dado como assente, não se explica a causa básica dessa vocação. Vários fatores podem ser lembrados, mas estamos convencidos de que essa propensão do novo presidente do País provém de sua coragem e determinação, de sua capacidade de correr riscos.

Se Fernando Henrique, na cátedra, nunca negaria que a política é uma ciência, ele vem demonstrando em sua carreira como homem público que encara a política mais como uma arte. Há uma grande dose de intuição ou de inspiração em todos os lances de sua biografia, quer como acadêmico, quer como político militante. Se nos anos espessos da ditadura por que passou o Brasil ele foi perseguido pela ousadia de suas lições, nelas estava implícita a sua aspiração de atuar politicamente, de modo consistente, expondo suas convicções ao risco das vicissitudes, inclusive ideológicas.

Em seu retorno ao País, ainda no período

Planalto do intelectual

de tormenta, não lhe bastava opinar, discutir, criticar e estudar. Sem nunca se ter isolado em uma torre de marfim, ele sentia que teria de trabalhar por seu País na planície ardilosa da política. Não por acaso, foi Ulysses Guimarães, o histórico anticandidato, o Senhor Diretas, o veemente defensor das prerrogativas do Congresso no episódio do "impeachment" de um presidente, quem desabriu e estimulou o desenvolvimento dessa vocação política no intelectual, antevendo a contribuição que ele poderia dar ao País.

Pronto para colocar-se à prova, ele foi candidato a senador por São Paulo e teve de esperar quatro anos como suplente para depois assumir o mandato, concorreu à Prefeitura de São Paulo, pleito para o qual foi derrotado, reelegendo-se novamente para o Senado Federal. A vida parlamentar credenciou-o para ocupar altos postos no governo, de peito aberto. Integrante do Ministério do presidente Itamar Franco à frente do Itama-

raty, não lhe faltaram críticas de que teria ascendido à posição a que aspirava e que a ação diplomática e as honrarias dela decorrentes o satisfariam.

Com tirocínio, o ex-presidente Itamar Franco politicamente percebeu que o intelectual feito político merecia um desafio maior. Ao aceitar o Ministério da Fazenda em um momento de tantas incertezas, Fernando Henrique Cardoso mostrou que o risco não assustava. Antes, seduzia-o. Menos de um ano depois, teve de correr novamente um risco, que hoje parece insignificante, mas que na época era gigantesco, de candidatar-se à Presidência da República e de enfrentar uma longa e exaustiva campanha pelo hipotético e contingente. Mas o político, com sua percepção peculiar, aceitou a aposta do Plano Real. Que poderia dar certo, como vem dando, mas que poderia também transformar-se em uma débâcle eleitoral. E, como de hábito, não faltaram críticas de que, ao candidatar-se ao

Palácio do Planalto, Fernando Henrique estaria comprometendo o Plano Real, que ele tanto se esforçara para estruturar, cercado de técnicos de sua confiança, em meio a um intenso clima já então francamente eleitoral.

O Brasil tem hoje um presidente honrado, que se pauta pela ética, e ao qual ninguém nega as qualidades intelectuais para o exercício do elevado cargo, ao qual foi guindado pela lídima vontade do povo. Quer-nos parecer, no entanto, que são os atributos políticos do presidente Fernando Henrique Cardoso que deverão conduzir o País de volta ao desenvolvimento.

O novo presidente, que da planície chega ao Planalto, vai ter necessariamente de realizar reformas de maior profundidade do que geralmente se pensa. E muitas medidas que terá de tomar poderão ser impopulares. O Plano Real enfrenta agora a sua fase mais difícil e será preciso fazer muito, muito, para tornar o Brasil mais justo, como Fernando Henrique Cardoso sempre lutou para que fosse. Este, como diria Gramsci, é o supremo risco que está diante do intelectual orgânico.